



O ESPORTE PARALÍMPICO NA OU DA MÍDIA? UMA REVISÃO DE LITERATURA

Silvan Menezes dos Santos¹; Doralice Lange de Souza²

RESUMO

O objetivo deste trabalho é o de apresentar resultados de uma revisão de literatura não sistemática em que levantamos as formas com que o jornalismo esportivo têm retratado o esporte e os atletas paralímpicos e o modo como tem se estabelecido a relação entre mídia e esporte paralímpico. As pesquisas sobre o assunto têm buscado sistemas de categorização que ajudam a revelar o que se valoriza e o que é desvalorizado no contexto do esporte para pessoas com deficiência. Ou seja, objetivam revelar a abordagem que a narrativa jornalística tem feito dessa manifestação esportiva e de seus atletas. O que tem se revelado até então sobre a relação mídia e esporte paralímpico é que este tem sido enquadrado em coberturas jornalísticas por diferentes perspectivas, mas que de forma geral as mesmas o retratam em uma abordagem sensacionalista do esporte e dos atletas. O que este estudo nos revela, sobretudo, é que, diante da diversidade de perspectivas e abordagens que vêm sendo dadas ao esporte paralímpico na cobertura jornalística, há uma negociação aparentemente pacífica entre as instituições esportivas e midiáticas para encontrar e definir o modelo ideal de como cobrir o esporte e os atletas paralímpicos.

PALAVRAS-CHAVE: esporte paralímpico; mídia; jornalismo esportivo.

ABSTRACT

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Paraná e Membro Pesquisador Júnior da Academia Paralímpica Brasileira. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/2939008930884704>

² Doutora em Educação pela Harvard University (2000). Docente nos cursos de graduação e no programa de pós-graduação em Educação Física da UFPR (mestrado e doutorado). Membro Pesquisadora da Academia Paralímpica Brasileira. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/6334357189847749>



The aim of this paper is to present results of a non-systematic literature review that raised the ways that sports journalism have portrayed the sport and the Paralympic athletes and how has established the relationship between media and paralympic sport. The research on the subject have sought categorization systems that help reveal what is valued and what is devalued in the context of sport for people with disabilities. What has been revealed so far about the relationship media and paralympic sport is that this has been framed in news coverage from different perspectives, but of the same general portray in a sensationalist approach to sport and athletes. What this study tells us above all is that, given the diversity of perspectives and approaches that are being given to the paralympic sport in news coverage, there is a seemingly peaceful negotiation between sports and media institutions to find and define the ideal model of how cover sport and Paralympic athletes.

KEYWORDS: *paralympic sport; media; sports journalism;*

RESUMEN

El objetivo de este trabajo es presentar los resultados de una revisión de la literatura no sistemática que levantó las formas en que el periodismo deportivo han retratado el deporte y los atletas paralímpicos y como ha establecido la relación entre los medios y el deporte paralímpico. Las investigaciones sobre el tema han buscado sistemas de categorización que ayudan a revelar lo que se valora y lo que se devalúa en el contexto del deporte para personas con discapacidad. En otras palabras, su objetivo es revelar el enfoque que la narrativa periodística ha hecho de este evento deportivo y sus atletas. Lo que se ha revelado hasta ahora acerca de la relación de los medios y el deporte paralímpico es que esto se ha enmarcado en la cobertura de noticias desde diferentes perspectivas, pero de la misma en general retratan en un enfoque sensacionalista con el deporte y atletas. Lo que este estudio nos dice por encima de todo es que, dada la diversidad de perspectivas y enfoques que se están dando en el deporte paralímpico en la cobertura de noticias, hay una negociación aparentemente pacífica entre las instituciones deportivas y los medios de



comunicación para encontrar y definir el modelo ideal de cómo la cubierta del deporte y atletas paralímpicos.

PALABRAS CLAVES: *deporte paralímpico; medios de comunicación; periodismo deportivo*

INTRODUÇÃO

O esporte paralímpico, tendo nos Jogos Paralímpicos (JP) a sua principal e maior manifestação na sociedade, se instituiu no âmbito esportivo a partir da criação do *International Paralympic Committee* (IPC) em 1989. Atualmente, além de realizar os JP de Verão e Inverno e gerenciar como federação nove modalidades paralímpicas, o IPC tem entre os objetivos do seu planejamento estratégico para o período de 2015-2018, consolidar os JP como um evento "premier". A instituição espera tornar os JP mais atrativos para o público e expandi-los para uma escala global, transformando-o em um espetáculo midiático de massa (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2015).

O contrato de parceria entre o IPC e o Comitê Olímpico Internacional (COI), a partir dos anos 2000, para a realização dos JP em paralelo e depois, logo na sequência dos Jogos Olímpicos, na mesma cidade-sede e com a utilização das mesmas instalações esportivas, tem ajudado a consolidar o esporte paralímpico na agenda midiático-esportiva. O esporte paralímpico hoje, conforme apontam Marques e Gutierrez (2015), se configura eminentemente pelo seu caráter espetacularizado e mercadológico. Ele, contemporaneamente, depende de alta tecnologia para a sua prática (ex. próteses e cadeiras de rodas), o que demanda um alto custo financeiro. Isto, conseqüentemente, aumenta a necessidade de o mesmo se comercializar e se associar ao universo midiático.

A associação do esporte paralímpico com a mídia é um fenômeno relativamente novo no âmbito da cultura esportiva. Os estudos sobre as especificidades e particularidades dessa relação ainda são incipientes no Brasil. Alguns fizeram análise da cobertura jornalística sobre este tema na mídia nacional (FIGUEIREDO, 2014; GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009; HILGEMBERG, 2014a, 2014b; NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010;



ZOBOLI; QUARANTA; MEZZARROBA, 2013; ZOBOLI et al., 2014, 2016), outros investigaram a abordagem midiática do esporte paralímpico sob o ponto de vista dos próprios atletas e gestores (MARQUES *et al.*, 2013, 2014) e outros estudaram o potencial publicitário dos atletas paralímpicos (FARIA; CARVALHO, 2010). Já no contexto internacional, podemos encontrar uma produção mais vasta discutindo a cobertura jornalística do esporte para pessoas com deficiência (BRUCE, 2014; BUYSSE; BORCHERDING, 2010; CHANG et al., 2011; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010; HARDIN; HARDIN, 2003, 2004, 2005; HARDIN, 2003; PAPPOUS; MARCELLINI; DE LÉSÉLEUC, 2011a, 2011b; PAPPOUS et al., 2009; SILVA; HOWE, 2012a; THOMAS; SMITH, 2003; ZHAO, 2008). Embora os estudos sobre mídia e esporte paralímpico sejam mais recentes, existe uma produção mais abundante que explora a associação entre mídia e esporte sob uma abordagem mais ampla no contexto brasileiro.

De maneira geral, compreende-se que há uma relação de reciprocidade entre a mídia e o esporte, pois ambas se servem dos benefícios estruturais, simbólicos e comerciais que uma pode fornecer para a outra (BETTI, 1998, 2001; PIRES, 1998, 2002). Entretanto, entende-se também que há uma sobreposição dos interesses e determinações do campo midiático ao campo esportivo. Isto se materializa na adaptação da linguagem, das normas, do tempo e do espaço do segundo para se adequar e ser aceito pelo primeiro (SANFELICE, 2010). Esse é o processo denominado de espetacularização do esporte (BETTI, 1998, 2001; PIRES, 1998, 2002), que se configura como uma realidade textual relativamente autônoma do fenômeno esportivo e se denomina como o "esporte da mídia" (BETTI, 2001).

Dentre outras características da manifestação midiática do esporte, uma das principais é a falação esportiva que "informa e atualiza [...] conta a história das partidas [...] cria expectativas [...] faz previsões [...] explica e justifica [...] promete [...] cria polêmicas e constrói rivalidades [...] critica [...] elege ídolos [...] dramatiza" (BETTI, 2001,



p. 1). Segundo Betti (2001), esse tipo de tratamento dado ao esporte fragmenta, descontextualiza e oculta a inteireza e a complexidade do fenômeno esportivo.

Entre a diversidade de formatos em que pode se materializar o discurso midiático-esportivo representando o processo de espetacularização do esporte, tais como as transmissões dos jogos e campeonatos via rádio, televisão ou internet, assim como a publicidade esportiva, tem-se também o jornalismo esportivo, que noticia fatos, narra o cotidiano do esporte e o institui na/para a sociedade (BORELLI; FAUSTO NETO, 2002). O jornalismo esportivo é, então, uma das principais formas dos meios de comunicação de massa conformarem modos de se compreender, ser e estar com relação ao âmbito esportivo na sociedade, ou seja, um tipo hegemônico de mediação comunicativa da mídia para a formação da cultura esportiva na contemporaneidade (PIRES, 2002).

Considerando a recente aproximação do esporte paralímpico com a mídia e a relevância que a mediação do jornalismo tem na conformação sociocultural das diferentes manifestações esportivas, o objetivo deste trabalho é o de apresentar resultados de uma revisão de literatura não sistemática em que levantamos as formas com que o jornalismo esportivo têm retratado o esporte e os atletas paralímpicos e o modo como tem se estabelecido a relação entre mídia e esporte paralímpico.

O ESPAÇO E A ABORDAGEM DO ESPORTE PARALÍMPICO NA MÍDIA

De modo geral, o objetivo dos estudos que vêm sendo desenvolvidos sobre mídia e esporte paralímpico é avaliar, a partir de diferentes variáveis e critérios, de que modo e em qual proporção o esporte paralímpico vem ganhando visibilidade na mídia. Além do espaço midiático destinado ao esporte paralímpico, as pesquisas também têm sido desenvolvidas com o intuito de identificar possíveis estigmas que normalmente são associados às pessoas/atletas com deficiência.

De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009) apontam que as pesquisas sobre o assunto têm buscado sistemas de categorização que ajudam a revelar o que se valoriza e o



que é desvalorizado no contexto do esporte para pessoas com deficiência. Ou seja, tem-se buscado entender como a mídia tem se apropriado do esporte paralímpico, objetivando-se revelar a abordagem que a narrativa jornalística tem feito dessa manifestação esportiva e de seus atletas.

Em relação às formas com que a mídia tem se referido aos atletas com deficiência, de acordo com De Pauw (1997) existem três diferentes níveis de inclusão e visibilidade na mídia para as pessoa com deficiência no esporte: a) *invisibility of disability in sport*, no qual os atletas com algum tipo de deficiência são invisíveis ou excluídos do esporte; b) *visibility of disability in sport*, no qual as pessoas com deficiência tornam-se visíveis no esporte, vistos como atletas, porém ainda com foco nas deficiências; e c) *(in)Visibility of disAbility in sport*, situação em que eles ganham visibilidade no esporte, agora enfocados como atletas, com a deficiência ainda visível, porém em segundo plano (DEPAUW, 1997).

Thomas e Smith (2003) analisaram quatro jornais britânicos durante a cobertura dos Jogos Paralímpicos de Sydney/2000, o *The Sun*, o *The Daily Mail*, o *The Times* e o *The Guardian* e encontraram 62 artigos que se referiam aos atletas com deficiência. Os autores concluíram que a cobertura valorizou, em parte, os feitos esportivos dos atletas, que a mídia inglesa reproduziu estereótipos medicalizantes, sob a perspectiva de que as deficiências são patologias que precisam de cura, e também comparou os padrões de capacidade corporal de atletas com deficiência e sem deficiência.

Hardin e Hardin (2005) fizeram uma análise do conteúdo fotográfico publicado por uma revista especializada em esporte nos Estados Unidos, a *Sports 'n Spokes*. De modo geral, os autores identificaram que os atletas com deficiência foram retratados predominantemente em posturas ativas, caracterizados como esportistas e praticando uma multiplicidade de modalidades esportivas. Com isso, eles concluíram que esse tipo de imagem das pessoas e atletas com deficiência pode ajudar a romper com o paradigma de valores culturais de que corpos deficientes são incapazes ou inválidos.

Pappous *et al.* (2007) analisaram a cobertura fotográfica de sete jornais impressos espanhóis durante os Jogos Paralímpicos de 1996, 2000 e 2004 e encontraram 306 imagens



neste período. Os autores identificaram que a imprensa espanhola perdeu uma ótima oportunidade de, durante os Jogos Paralímpicos, romper com estereótipos associados às pessoas com deficiência, pois na ocasião os atletas foram retratados com as suas deficiências ocultadas na maior parte das fotos e também com a esportividade encenada, imagens em que os atletas eram retratados sem que aparecesse um dos elementos que representam a competitividade deles, como o campo de competição, a ação de disputa ou o uniforme.

De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009; 2010) analisaram a cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de Sydney/2000 em oito jornais impressos de quatro países europeus (Espanha, Inglaterra, Alemanha e França) com o intuito de identificar possíveis formas de estigmatização das esportistas com deficiência. Eles encontraram 108 artigos de jornal, contando com 58 fotos no total. Pautados em estudos de gênero, os autores encontraram que, do ponto de vista do espaço midiático, as atletas com deficiência não são estigmatizadas ou ocultadas da cobertura, pois apareceram na mídia nas mesmas proporções que participaram das delegações e na mesma proporção de medalhas que conquistaram. Entretanto, com relação à abordagem da narrativa jornalística, os autores revelaram que os atletas paralímpicos tendem a ser estigmatizados com atributos que os infantilizam, destacando suas fragilidades e vulnerabilidades, que trivializam seus feitos esportivos, enfocando suas vidas pessoais e relacionamentos afetivos, e no caso das mulheres, com narrativas voltadas para a feminilidade das mesmas, sexualizando-as (com imagens das partes genitais do corpo) (DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2009; DE LÉSÉLEUC; PAPPOUS; MARCELLINI, 2010).

Em estudo sobre a cobertura fotográfica de onze jornais de 5 países e continentes diferentes durante os Jogos Paralímpicos de Pequim/2008, Buysse e Borcharding (2010) analisaram elementos que compunham as fotos, comparando-as a partir dos modos como retratavam atletas com deficiência dos gêneros masculino e feminino. Os autores verificaram que, de modo geral, há uma tendência em se retratar mais os homens do que as mulheres em quadra. Eles destacaram ainda que a mídia analisada veiculou um número



maior de imagens de homens em momentos de ação na competição (53%) do que de mulheres (40%). De acordo com os autores, quanto menos se retrata mulheres em espaços de disputa, mais se perpetua a crença de que o esporte e o esporte para pessoas com deficiência são práticas predominantemente masculinas. Buysse e Borcharding (2010) ressaltam que a cobertura midiática não tem acompanhado o crescimento do esporte paralímpico pelo mundo, sobretudo por continuarem escondendo simbolicamente os atletas com deficiência. Os autores concluem que isso acaba não valorizando os mesmos pelas suas competências atléticas, da mesma forma que acaba também não legitimando o esporte paralímpico como manifestação esportiva de alto rendimento.

Pappous, Marcellini e De Léséleuc (2011b) compararam as coberturas fotográficas dos jogos de Sydney/2000 e Pequim/2008 em 10 jornais de cinco países europeus (Alemanha, Inglaterra, Espanha, Grécia e França) e encontraram um crescimento do volume de imagens publicadas pela mídia europeia. No entanto, eles identificaram também um aumento da “invisibilidade” das deficiências dos atletas nestas imagens. Durante os Jogos de 2000, 18% das fotografias ocultavam as deficiências dos atletas. Já em 2008 esse ocultamento aumentou para 58% das publicações. Da mesma forma, as imagens de atletas paralímpicos em posturas passivas (ou seja, de atletas parados, estando fora de disputa) aumentou de 2000 para 2008 de 40% para 62%. Para os autores, essa tendência vai contrária ao símbolo do movimento paralímpico que são os três Agitos, pois a palavra agito no latim significa "eu me movo".

Em estudo desenvolvido por Bruce (2014) sobre a cobertura fotográfica da mídia na Nova Zelândia, foram analisados quatro jornais impressos durante os Jogos de 2008 e, para os Jogos de 2012, a autora incluiu na análise um portal digital de notícias. A autora identificou que a exposição das deficiências esteve mais recorrente nas imagens dos atletas internacionais, de outros países, do que quando se tratava dos atletas nacionais, neozelandeses. Segundo a autora, esse tipo de opção jornalística esteve associada ao discurso e imagem nacionalista que a mídia local procurou veicular acerca dos atletas e do esporte paralímpico no país. Essa foi uma forma de ressaltar a esportividade e a



competitividade dos atletas nacionais, tendo como contraponto o foco nas limitações, nos comprometimentos e nas deficiências dos atletas internacionais adversários. Bruce (2014) conclui que essa abordagem nacionalista da cobertura midiática do esporte paralímpico, que oculta as deficiências dos atletas, pode dificultar a “construção da normalidade” desse fenômeno na convivência social. Ou seja, o ocultamento das deficiências dos atletas em nada vai contribuir para com a ruptura do estranhamento, do mal estar e da dificuldade que as pessoas ainda têm em lidar com pessoas com deficiência em muitas situações na sociedade.

Chang *et al.* (2011) comparam a cobertura jornalística dos atletas que competiram os Jogos Olímpicos com a cobertura dos que disputaram os Jogos Paralímpicos de Pequim/2008 feita por um jornal impresso canadense, *The Globe and Mail*. Foram catalogados 302 artigos publicados sobre os JO e 11 artigos sobre os JP. Os autores identificaram que alguns temas foram recorrentes nas narrativas veiculadas sobre ambos os megaeventos esportivos, tais como os resultados dos jogos, a dimensão atlética e questões éticas do esporte. Porém, outros temas apareceram somente em cada um deles. No caso dos JO foram encontradas narrativas sobre economia, política, nacionalismo e sobre a própria mídia. Já no caso dos JP foram veiculadas algumas notícias comparando os JO com os JP. A principal conclusão dos pesquisadores foi que não houve a reprodução de uma narrativa hegemônica da capacidade dos corpos atléticos olímpicos sobre os paralímpicos e muito menos estes últimos foram retratados como vítimas e sofredores das suas deficiências, ou como *supercrips*³ (super-deficientes), mas sim como atletas reais de alto rendimento, focados nas suas participações e desempenhos esportivos.

Diferentemente do encontrado por Chang *et al.* (2011), Novais e Figueiredo (2010) investigaram quatro portais de informação na internet, sendo dois do Brasil e dois de Portugal, para comparar a cobertura jornalística de atletas olímpicos e paralímpicos medalhados, brasileiros e portugueses, durante os Jogos de Pequim/2008. Com relação ao

³ Apresentaremos a discussão conceitual sobre a questão do *supercrip* mais a frente nesta seção do trabalho.



volume total de notícias catalogadas, proporcionalmente nos dois países, foram publicados em torno de 70% dos artigos sobre atletas olímpicos e os 30% restantes sobre atletas paralímpicos. A partir dos resultados da pesquisa, os autores chamam a atenção de que "mostrar a deficiência só dá "íbope" se for em situações que explicitem o "exótico-humano", permeados por subjetividades e não raro reforçando preconceitos e estereótipos (NOVAIS; FIGUEIREDO, 2010, p. 88).

Gonçalves, Albino e Vaz (2009) se propuseram a analisar a construção cultural a respeito dos atletas com deficiência feita por três mídias impressas brasileiras durante os Jogos Para-Panamericanos de 2007, a revista A+ e os jornais Lance e Folha de São Paulo. Os autores destacam que, do modo como se constrói a narrativa em torno do esporte paralímpico, parece uma necessidade midiática e/ou esportiva colocá-lo em paralelo equitativo com o seu correlato olímpico. Da mesma forma que no discurso do esporte convencional buscam-se as histórias dramáticas da infância e adolescência permeadas pelo sofrimento com a pobreza e com a violência urbana das periferias do país, para depois se ressaltar a superação dos atletas em alcançar um lugar social através do esporte e do pódio olímpico, no esporte paralímpico não é de todo modo diferente. No caso deste segundo, são narradas primeiramente as tragédias que levaram os sujeitos ao "sofrimento" de ter e de conviver com algum tipo de deficiência, para depois alçá-los à posição de mito e de herói por terem superado essas barreiras que parecem intransponíveis, sendo colocados como exemplos a serem seguidos pela sociedade.

Gonçalves, Albino e Vaz (2009), argumentam que parece necessário ao discurso midiático sobre o esporte para pessoas com deficiência, como forma de se legitimar socialmente e também no âmbito esportivo, veicular narrativas sobre os feitos inatingíveis dos atletas e de superação de barreiras impostas pela vida. São narrativas sobre os atletas com deficiência em que se generaliza a representação dos mesmos ou como vítimas ou como super-heróis. Neste contexto, tende-se a retratá-los como "bons moços". Este tipo de narrativa, segundo os autores,



acaba em alguma medida retirando a dimensão de humanidade desses sujeitos. Dito de outro modo, o fato de alguém ter determinada deficiência, por esse único motivo, é tomado como suficiente para que esse seja apresentado às pessoas como moralmente correto, incapaz de cometer equívocos ou atos de crueldade. Novamente emerge a perspectiva de compensação – essa sempre associada ao "mas" –, expressando que é deficiente, mas é um excelente sujeito (GONÇALVES; ALBINO; VAZ, 2009, p. 164).

O paralelo entre o imaginário de vítimas e super-heróis em torno dos atletas com deficiência foi investigado por Hilgemberg (2014b) em um estudo comparativo e longitudinal da mídia brasileira e portuguesa durante o período de realização dos Jogos Paralímpicos de Atlanta/1996 a Pequim/2008. A pesquisadora concluiu que a mídia, tanto do Brasil como de Portugal, tende a retratar os atletas paralímpicos primeiramente como vítimas, dignos de pena, e posteriormente como heróis e exemplos de superação e coragem. Segundo a autora, essa tendência pode ser considerada um modelo positivo de veiculação do esporte e dos atletas paralímpicos, pois lhes atribui valor e reconhecimento social (HILGEMBERG, 2014b).

Em uma análise longitudinal da cobertura do *New York Times* (NYT) sobre os temas Olímpicos e Paralímpicos no período entre 1955 e 2012, Tynedal e Wolbring (2013) mapearam 246 notícias relacionadas aos Paralímpicos e 10.487 artigos sobre os Olímpicos. Os autores identificaram uma tendência ao reforço de estereótipos similares aos apontados por Hilgemberg (2014b) com relação aos atletas com deficiência, como vítimas ou super-heróis, porém fazem uma crítica a este modelo. Para eles, essa forma de se representar os atletas não contribui para a consolidação do esporte paralímpico na sociedade, muito menos para a revelação de barreiras sociais enfrentadas pelas pessoas com deficiência para desenvolver a prática esportiva em seus diferentes níveis no dia a dia delas.

A abordagem dos atletas com deficiência como *supercrrips*, normalmente feita de forma sensacionalista, reforça a ideia de que o atleta é uma espécie de super-herói que, “apesar” de suas deficiências, com o seu próprio esforço, dedicação e vontade, consegue



superar obstáculos e vencer (HARDIN; HARDIN, 2004; SILVA; HOWE, 2012). De acordo com Silva e Howe (2012a), a abordagem do “*supercrip*” se constitui em uma estratégia de marketing social que busca dar visibilidade e agregar valor de mercado aos atletas paralímpicos. Porém, os autores questionam a validade dessa estratégia discursiva levada a cabo por instituições esportivas e midiáticas relacionadas ao movimento paralímpico, pois reconhecem que há um paradoxo existente nos possíveis efeitos esportivos e sociais que essa construção midiática pode provocar. O fenômeno do *supercrip* pode gerar um mal estar social, pois o exemplo dos atletas tratados como heróis pode gerar a expectativa de que todas as pessoas com deficiência deveriam alcançar grandes feitos esportivos. Isto, por sua vez, poderia fazer também com que as próprias pessoas com deficiência se sintam pressionadas a realizar feitos similares, o que pode fomentar um temor ou uma obsessão em relação à realização esportiva.

Ainda sobre a estratégia da utilização do modelo de *supercrip*, outros autores lembram que o reforço da imagem do atleta como um herói a partir de uma perspectiva que enfatiza esforços e méritos individuais é recorrente na mídia esportiva e não se aplica somente no caso do esporte paralímpico. Muitos atletas paralímpicos não percebem esta abordagem como problemática. Eles a veem como uma oportunidade para o aumento da visibilidade de pessoas com deficiência na mídia e para se melhorar as opiniões sobre as mesmas por parte da sociedade (HARDIN; HARDIN, 2004). Isto, no entanto, não é um consenso entre os atletas. No caso de atletas brasileiros e portugueses, alguns deles relatam que prefeririam, ao invés de serem abordados como *supercrips*, serem simplesmente valorizados pelos seus feitos atléticos (MARQUES et al., 2014, 2015).

NUANCES DO INÍCIO DE UMA RELAÇÃO INSTITUCIONAL ENTRE A MÍDIA E O ESPORTE PARALÍMPICO

De acordo com algumas pesquisas, um dos fatores impeditivos para um maior investimento da mídia no esporte paralímpico está no modo de classificação dos atletas



(COAKLEY, 2009; HOWE, 2008; MARQUES; GUTIERREZ, 2015). Para as instituições midiáticas existe um número excessivo de classes para acomodar os atletas em competições de acordo com o seu tipo e grau de deficiência, fator que estaria dificultando a compreensão por parte dos consumidores e prejudicando a dinamicidade/emoção das disputas. Esse excesso de classes também faz com que se distribua um grande volume de medalhas nas competições, o que acaba por desvalorizar e, de certa forma, banalizar o capital simbólico que predomina no campo esportivo, que é o mérito esportivo (a conquista de medalhas) e, conseqüentemente, reduz o interesse da mídia pelo produto (MARQUES; GUTIERREZ, 2015).

Sanfelice (2010) reforça que esse fenômeno da adaptação de regras das modalidades esportivas para atender, em grande parte, às demandas do campo midiático, evidencia a tese de que há uma sobreposição deste primeiro ao campo esportivo, contrariando a proposta da autonomia relativa dos campos sociais. Para o autor, através do seu principal bem específico, o discurso, ou a palavra pública, o campo da mídia garante a sua legitimidade social e transforma os demais campos com os quais se relaciona em figurantes da sua própria cena.

O que podemos ver no contexto do esporte paralímpico hoje é que há uma forte tentativa em se adaptar às demandas da mídia para que possa se tornar cada vez mais um espetáculo midiático. Há um movimento interno no IPC de tentar reduzir o número de classes nas competições paralímpicas para que o esporte se torne mais fácil de ser explicado pela mídia e compreendido pelo público consumidor (MARQUES; GUTIERREZ, 2015). Teoricamente, a redução de classes promoveria automaticamente uma redução no tempo das competições, tornando-as menos longas do que são atualmente e aumentaria a dinamicidade das disputas. No caso do vôlei as mudanças de normas, regras e tempos funcionou e foi fundamental para a espetacularização da modalidade (MARCHI JÚNIOR, 2001). Assim, é possível verificar que mesmo tendo um esforço das instituições burocráticas do esporte paralímpico em pautá-lo na mídia defendendo os interesses



esportivos, as exigências da mídia para aceitá-lo e transformá-lo em espetáculo midiático ainda são predominantes.

Howe (2008) desenvolveu um estudo etnográfico no qual procurou revelar as nuances do cotidiano de uma redação jornalística no universo dos Jogos Paralímpicos. O autor ressalta a importância da interferência e do suporte que a instituição burocrática do esporte paralímpico britânico, a *British Paralympic Association* (BPA), deu aos profissionais da mídia britânica credenciados para a cobertura. A entidade esportiva preparou previamente releases com as histórias dos atletas locais para ajudar os jornalistas no momento da produção das notícias. Porém, em algumas ocasiões, o autor identificou um claro incômodo de jornalistas com a intervenção editorial que a BPA vinha fazendo na atuação deles e no formato de construção das notícias proposta pela entidade. Entretanto, muitos dos jornalistas preferiram utilizar os releases e as entrevistas realizadas pelo próprio IPC e BPA do que ficar se “amontoando” nos restritos espaços destinados para os repórteres nas zonas de entrevista com os atletas.

O que Howe (2008) concluiu com o estudo é que o fato de o esporte paralímpico ainda estar buscando uma forma positiva de ser veiculado, deixando-se influenciar por interesses comerciais, faz com que esta manifestação esportiva ainda seja bastante controlada no que diz respeito a visibilidade e a publicidade que se faz dela. Assim, o autor indica que o movimento paralímpico ainda não se rendeu ao ditado de que "qualquer publicidade é boa publicidade" (HOWE, 2008, p. 148). Por fim, ele aponta que a forte influência das entidades esportivas no processo de produção de notícias sobre o esporte paralímpico pode estar funcionando como uma barreira para a revelação de possíveis pontos negativos e problemáticos do fenômeno esportivo, tal como os imbróglios existentes em torno da classificação funcional dos atletas nas competições, que tradicionalmente pouco se noticia na cobertura jornalística.

A partir do relato de Howe (2008), é possível identificar que os critérios de noticiabilidade e os valores-notícias associados ao esporte paralímpico hoje são basicamente definidos por interesses institucionais das entidades burocráticas que



gerenciam o fenômeno, mas que isso não ocorre de modo totalmente pacífico e deliberado por parte da mídia, sobretudo dos jornalistas. Essa intervenção de entidades burocráticas do esporte paralímpico no trabalho da mídia tem ganhado ainda mais força nos últimos anos e se materializou em guias de orientações para a mídia/jornalistas de como cobrir, se referir e/ou reportar o esporte, os atletas paralímpicos e as pessoas com deficiência.

Mobilizada pela realização dos Jogos Paralímpicos de Londres, em 2012, a BPA se propôs a produzir um guia, intitulado "Guia para se reportar ao esporte paralímpico", que servisse de referência para a mídia local no que se refere à linguagem a ser utilizada com e sobre os atletas paralímpicos. Segundo a BPA (2012), os JP são uma ótima oportunidade para valorizar o perfil desses atletas, retratando-os, sobretudo, como atletas de elite, evitando o uso da deficiência como algo que os define. As sugestões indicadas no Guia da BPA são sobre a linguagem a ser utilizada na construção das notícias e sobre o comportamento dos jornalistas com relação às pessoas com deficiência.

Seguindo orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), o guia do IPC, intitulado "Guia para se reportar à pessoas com uma limitação/comprometimento", propõe uma mudança do uso da palavra "*disability*", que tradicionalmente é traduzida como "deficiência", para o uso do termo "*impairment*", que ainda não teve uma tradução definitiva, mas pode ser entendida como "comprometimento/limitação". A justificativa para essa proposição é de que a palavra "*disability*" (deficiência) remete à interação entre as características do corpo da pessoa e as características da sociedade em que vive, denotando que o mesmo é incapaz ou não é eficiente para fazer algo. Além disso, acredita-se que a troca do termo provoca uma mudança do foco, voltando-se mais para as capacidades dos atletas e para o que eles podem alcançar. A expectativa do IPC com essa alteração é que cheguemos ao momento em que não seja mais necessário utilizar nenhum dos termos e que eles simplesmente sejam tratados como atletas (INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE, 2014).

Baseados nesses documentos produzidos por instituições responsáveis pelo movimento paralímpico no contexto internacional que apresentamos até aqui, os



professores Athanasios Sakis Pappous, da Universidade de Kent, no Reino Unido, e Doralice Lange de Souza, da Universidade Federal do Paraná, produziram um guia para a mídia brasileira⁴. O guia produzido foi reconhecido pelo CPB e conta com a chancela da instituição para a respectiva apresentação e divulgação do mesmo junto aos órgãos da mídia nacional. Esse guia foi construído com muitos dos elementos já apresentados nos outros dois supracitados e recebeu algumas informações adicionais, sobretudo no que diz respeito à cobertura fotográfica do esporte e dos atletas paralímpicos. Este guia para a mídia brasileira foi produzido com o objetivo de que "os jornalistas possam fornecer um retrato mais inclusivo das pessoas com deficiência durante os JP Rio 2016" (PAPPOUS; SOUZA, 2016, p. 2).

Diante do exposto até aqui nesta seção do trabalho, pudemos verificar que há um lastro de produções recentes de entidades esportivas paralímpicas voltadas para a mídia, demonstrando a preocupação e a importância que elas dão à cobertura midiática do movimento paralímpico. Mesmo que apresentando algumas particularidades e diferenças, os guias da BPA (2012), do IPC (2014) e de Pappous e Souza (2016) seguem a mesma linha de trabalho, que objetiva superar alguns estereótipos associados às pessoas/atletas com deficiência, representados tanto em elementos linguísticos, como em elementos imagéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE UM ESTUDO INICIAL

O que tem se revelado até então sobre a relação mídia e esporte paralímpico é que este tem sido enquadrado em coberturas jornalísticas por diferentes perspectivas, mas que de forma geral as mesmas o retratam em uma abordagem sensacionalista do esporte e dos atletas. A depender do tipo de mídia que o veicule e do alcance que a mesma tenha em diferentes países, o jornalismo aborda a referida manifestação esportiva elegendo ídolos e

⁴ Este guia é resultado de um projeto de pesquisa financiado pelo *Newton Fund*, através da Fundação Araucária.



dramatizando as narrativas, assim como previsto por Betti (2001) ao caracterizar a falação esportiva. O que este estudo nos revela, sobretudo, é que, diante da diversidade de perspectivas e abordagens que vêm sendo dadas ao esporte paralímpico na cobertura jornalística, há uma negociação aparentemente pacífica entre as instituições esportivas e midiáticas para encontrar e definir o modelo ideal de como cobrir o esporte e os atletas paralímpicos.

De todo modo, o esporte paralímpico representa uma das principais manifestações sociais de inclusão de pessoas com deficiência na sociedade e se configura como um ambiente de grande visibilidade para esse grupo social. Segundo De Léséleuc, Pappous e Marcellini (2009, p. 81)

los medios de comunicación desempeñan un papel importantísimo en el proceso de estigmatización y desestigmatización de las personas discapacitadas, según el lugar que les dediquen y los textos e imágenes que produzcan al respecto, los aspectos que elijan tratar o los que omitan.

Diante do exposto, podemos considerar que o esporte paralímpico ainda não se rendeu aos ditames e interesses comerciais e simbólicos da mídia para a sua transformação em espetáculo de entretenimento. As instituições burocráticas que o gerenciam se preocupam e acompanham de perto a abordagem que a mídia faz do esporte paralímpico. Porém, mais estudos precisam ser desenvolvidos no sentido de investigar de que modo essa proatividade das entidades paralímpicas na mediação comunicativa do fenômeno esportivo que são responsáveis, junto à mídia e ao jornalismo, está colaborando para a sua inserção na agenda da cultura esportiva sem destituí-lo da sua inteireza e complexidade.

REFERÊNCIAS

- BETTI, M. **Janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas: Papyrus, 1998.
- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivência**, n. 17, p. 1–3, 2001.



BORELLI, V.; FAUSTO NETO, A. Jornalismo esportivo como construção. **Cadernos de Comunicação**, n. 7, p. 61–74, 2002.

BRITISH PARALYMPIC ASSOCIATION. **Guide to Reporting on Paralympic Sport** Reino Unido ParalympicsGB, , 2012. Disponível em: <http://paralympics.org.uk/uploads/documents/imported/ParalympicsGB_Guide_to_Reporting_on_Paralympic_Sport_-_June_2012.pdf>

BRUCE, T. Us and them: the influence of discourses of nationalism on media coverage of the Paralympics. **Disability & Society**, v. 29, n. 9, p. 1443–1459, 2014.

BUYSSE, J. A. M.; BORCHERDING, B. Framing Gender and Disability: A Cross-Cultural Analysis of Photographs From the 2008 Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 3, n. 3, p. 308–321, 2010.

CHANG, I. Y. et al. One world, One dream: A Qualitative Comparison of the Newspaper Coverage of the 2008 Olympic and Paralympic Games. **International Journal of Sport Communication**, v. 4, n. 1, p. 26–49, 2011.

COAKLEY, J. Age and Ability: Barriers to participation and inclusion? In: **Sports in Society: Issues and Controversies**. 11. ed. New York: Mc Graw Hill Education, 2009. p. 302–349.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. La cobertura mediática de las mujeres deportistas con discapacidad: Análisis de la prensa diaria de cuatro países europeos durante los Juegos Paralímpicos de Sidney 2000. **Apunts, Educación Física y Deportes**, v. 97, n. 3, p. 80–88, 2009.

DE LÉSÉLEUC, E.; PAPPOUS, A.; MARCELLINI, A. The media coverage of female athletes with disability: Analysis of the daily press of four European counties during the 2000 Sidney Paralympic Games. **European Journal for Sport and Society**, v. 7, n. 3-4, p. 283–296, 2010.

DEPAUW, K. P. The (In)Visibility of DisAbility: Cultural Contexts and “Sporting Bodies”. **Quest**, v. 49, p. 416–430, 1997.



FARIA, M. D. DE; CARVALHO, J. L. F. Uma análise semiótica do potencial mercadológico da imagem de atletas paraolímpicos. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**, v. 4, n. 9, p. 657–688, 2010.

FIGUEIREDO, T. H. Gênero e Deficiência – uma análise da cobertura fotográfica dos Jogos Paralímpicos de 2012. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 11, n. 2, p. 484–497, 2014.

GONÇALVES, G. C.; ALBINO, B. S.; VAZ, A. F. O herói esportivo deficiente: aspectos do discurso em mídia impressa sobre o Parapan-Americano 2007. In: PIRES, G. DE L. (Ed.). . **“Observando” o Pan Rio/2007 na mídia**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2009. p. 149–167.

HARDIN, B.; HARDIN, M. Conformity and conflict: Wheelchair athletes discuss sport media. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 3, p. 246–259, 2003.

HARDIN, M. Marketing the Acceptably Athletic Image: Wheelchair Athletes, Sport-Related Advertising and Capitalist Hegemony. **Disability Studies Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 108–125, 2003.

HARDIN, M.; HARDIN, B. The “Superscrip” in sport media: Wheelchair athletes discuss hegemony’s disabled hero. **SOSOL: Sociology of Sport Online**, v. 7, n. 1, p. 1–14, 2004.

HARDIN, M.; HARDIN, B. Performance or Participation...Pluralism or Hegemony? Images of Disability and Gender in Sports ’n Spokes Magazine. **Disability Studies Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 1–18, 2005.

HILGEMBERG, T. **Primeiro o esporte, depois a deficiência? Análise da cobertura midiática dos Jogos Paralímpicos de 2012**. Intercom. **Anais...Foz do Iguaçu**: Intercom, 2014aDisponível

em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0142-1.pdf>>

HILGEMBERG, T. Do Coitadinho ao Super-herói Representação social dos atletas paraolímpicos na mídia brasileira e portuguesa. **Ciberlegenda**, n. 30, p. 48–58, 2014b.



HOWE, P. D. From Inside the Newsroom: Paralympic Media and the 'Production' of Elite Disability. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 43, n. 2, p. 135–150, 2008.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Guide to reporting on persons with an impairment** Bonn International Paralympic Committee, , 2014.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **Strategic plan 2015 to 2018: strategic outlook for the International Paralympic Committee** Bonn IPC, , 2015.

MARCHI JÚNIOR, W. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970 - 2000)**. [s.l.] Universidade Estadual de Campinas, 2001.

MARQUES, R. F. R. et al. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 27, n. 4, p. 583–596, 2013.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem midiática sobre o esporte paralímpico : o ponto de vista de atletas brasileiros. **Movimento**, v. 20, n. 3, p. 989–1015, 2014.

MARQUES, R. F. R. et al. A abordagem mediática sobre o desporto paralímpico : perspectivas de atletas portuguesas. **Motricidade**, v. 11, p. 123–147, 2015.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L. **O Esporte Paralímpico no Brasil: profissionalismo, administração e classificação de atletas**. São Paulo: Phorte Editora, 2015.

NOVAIS, R. A.; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Logos** 33, v. 17, n. 2, p. 78–89, 2010.

PAPPOUS, A. et al. La visibilidad de la deportista paralímpica en la prensa escrita española. **Revista de Ciencias del Ejercicio**, v. 3, n. 2, p. 12–32, 2007.

PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 9, p. 31–42, 2009.



PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. Contested issues in research on the media coverage of female Paralympic athletes. **Sport in Society**, v. 14, n. 9, p. 1182–1191, 2011a.

PAPPOUS, A. S.; MARCELLINI, A.; DE LÉSÉLEUC, E. From Sydney to Beijing: the evolution of the photographic coverage of Paralympic Games in five European countries. **Sport in Society**, v. 14, n. 3, p. 345–354, 2011b.

PAPPOUS, A.; SOUZA, D. L. DE. **Guia para a mídia: Como cobrir os Jogos Paralímpicos Rio 2016**, 2016.

PIRES, G. D. L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista de Educação Física/UEM**, v. 9, n. 1, p. 25–34, 1998.

PIRES, G. D. L. **A Educação Física e o discurso midiático: abordagem crítico-emancipatória**. Ijuí: Unijuí, 2002.

SANFELICE, G. R. Campo midiático e campo esportivo: suas relações e construções simbólicas. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 31, n. 2, p. 137–153, 3 mar. 2010.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. The (In)validity of Supercrip Representation of Paralympian Athletes. **Journal of Sport & Social Issues**, v. 36, n. 2, p. 174–194, 2012a.

SILVA, C. F.; HOWE, P. D. Difference, adapted physical activity and human development: Potential contribution of capabilities approach. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 29, n. 1, p. 25–43, 2012b.

THOMAS, N.; SMITH, A. Preoccupied with able-bodiedness? An analysis of the British media coverage of the 2000 Paralympic Games. **Adapted Physical Activity Quarterly**, v. 20, n. 2, p. 166–181, 2003.

TYNEDAL, J.; WOLBRING, G. Paralympics and Its Athletes Through the Lens of the New York Times. **Sports**, v. 1, n. 1, p. 13–36, 2013.

ZHAO, B. H. The representation of disabled athletes in the Chinese and UK press during Beijing 2008: A comparison. **Sport & Society**, p. 1–6, 2008.



ZOBOLI, F. et al. Um Olímpico Paraolímpico: uma análise midiática da participação de Oscar Pistorius nas Olimpíadas de Londres 2012. In: MEZZARROBA, C. et al. (Eds.). . **As Olimpíadas e as Paraolimpíadas de 2012 na mídia sergipana**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2014. p. 153–188.

ZOBOLI, F. et al. O corpo híbrido: análise midiática da participação do atleta Oscar Pistorius no Mundial de Atletismo de 2011. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 38, n. 1, p. 26–33, 2016.

ZOBOLI, F.; QUARANTA, A. M.; MEZZARROBA, C. Oscar Pistórius, um deficiente eficiente? Considerações sobre a segregação/inclusão no paradesporto: um olhar a partir da mídia. **Atos de Pesquisa em Educação PPGE/ME FURB**, v. 8, n. 1, p. 259–286, 2013.